

## ***Crede no baile de memórias* – A produção cinematográfica nacional recente**

Ana Lúcia Ferraz\*

A produção cinematográfica nacional contemporânea tem chamado a atenção da crítica pelo que tem sido capaz de mostrar: inovação, criatividade, maestria em forma e conteúdo na representação de histórias que revelam a particularidade de olhares locais. Três filmes merecem destaque neste texto: *Crede mi*, de Bia Lessa e Dani Roland, *O baile perfumado*, de Paulo Caldas e Lírio Ferreira e *Sertão de memórias*, de José Araújo.

Chegando ao público brasileiro em 1997, os três filmes realizam a tendência de representar cinematograficamente narrativas populares. Resolvendo esta proposta de formas distintas, todos são capazes de revelar muito acerca da vida das *personas* que nos são apresentadas.

*Sertão de memórias* propõe-se a narrar ao espectador contos populares do interior do Ceará. Cearense, o autor estréia no longa metragem, retratando histórias que ouve desde a sua infância. Seus pais e conhecidos são os atores do filme. O padre da cidade é quem interpreta o seu próprio personagem, assim também fazem o prefeito e as senhoras que oram. O autor nos traz o ponto de vista do nativo que é, ele mesmo, o produtor, diretor e roteirista do filme.

A religiosidade popular aparece representada com toda a riqueza da criação de personagens míticos e de alegorias da realidade vivida pelo povo. A política, a questão agrária, o catolicismo local se apresentam desafiando a lógica do espectador urbano que se defronta com dragões e cordeiros e se vê forçado a criar um sentido para aquilo que vê.

*Crede mi* é uma experiência de adaptação para o teatro de *Os eleitos*, um texto de Thomas Mann. O filme é também rodado no interior do Ceará. Originalmente produzido em vídeo Hi-8, ele nos revela o resultado de uma oficina de interpretação de atores que são os próprios moradores da região. Relatos, crenças e imagens nos são apresentados e a experiência vivida aparece. Experiência interessante é fazer um filme em que a interpretação para a câmera atualiza os mitos mais universais no sertão, algo particular do cinema brasileiro. Os sertanejos que vemos no filme nos contam suas próprias histórias e falam de temas universais. A morte, o incesto e as origens são interpretados para a câmera por atores que vivem seus próprios papéis na vida social.

*O baile perfumado* nos conta a história de um cineasta libanês no interior do Pernambuco que pretendia produzir um filme a respeito da vida do bando de Virgulino Ferreira, o Lampião. Articulando momentos em que se apresentam os personagens locais com momentos de introspecção do cineasta acompanhamos os bastidores do filme, que não chega a ser concluído por seu idealizador. As negociações com os personagens, a discussão em torno do que vai ser representado é o eixo do desenvolvimento da narrativa fílmica.

A história da vida de Lampião aparece na trajetória do cineasta estrangeiro. Os momentos de introspecção deste autor-personagem explicitam os percursos da produção do filme na construção das narrativas em diálogo com os atores sociais filmados. O filme discute a forma como o retrato que se mostra de si depende da relação com a imagem que se acredita ser a idealizada pelo seus outros. Lampião não interpreta a cena de batalha que o cineasta pede, ele é o produtor de sua própria representação e parte dos estereótipos feitos a seu respeito para interpretar o seu personagem para a câmera do estrangeiro. Molda, constrói o seu próprio papel. Na ficção sabemos que o filme que

assistimos não foi o idealizado pelo seu autor, mas o produto da negociação com as *personas* que as interpretam: Lampião, os coronéis e os políticos.

O que os três filmes têm em comum é o interesse em confundir as fronteiras entre o filme documentário e o ficcional no registro da narrativa mítica regional. E fazem isso ao propor a representação da história aos personagens, aproximando-se das experiências vividas pelos que são filmados. Na ficção de *O baile perfumado* os atores mudam seus papéis, produzindo a sua imagem que vai circular no cinema. Em *Crede mi* a adaptação de uma obra literária encontra os modos de ver e a tradição oral dos sertanejos. Em *Sertão de memórias* os mitos populares são tão reais quanto ficcionais.

Todos os autores aproximam-se da vida local na construção dos argumentos dos filmes. Os atores são as pessoas dos vilarejos que cantam suas músicas, rezam suas rezas, encenam. Os diretores dos três filmes têm diferentes relações com os que são filmados, mas, em todos, ela é bem próxima. Reais são as pessoas que encenam no momento da filmagem.

Alegorias da situação social vivida pelos nativos, estes filmes combinam diferentemente religiosidade popular, poderes locais e história. Em todos os casos, a expressão da vida local parece ter sido representada com o intuito de estabelecer uma nova linguagem na comunicação com ambos, o filmado e o espectador. Evidenciando os bastidores da produção do filme na narrativa ficcional (em *O baile perfumado*), reforçando uma interpretação teatral que rompe com os padrões clássicos da representação cinematográfica (em *Crede mi*) ou compartilhando as narrativas com os filmados (no *Sertão de memórias*), todos inovam com êxito a produção cinematográfica brasileira.

Detalhe importante é exhibir o filme depois de pronto aos que o interpretaram, o filmado também é espectador. Ao espectador que tem acesso ao circuito em que os filmes são exibidos, os cinemas e cineclubes nas grandes cidades, fica o papel de compreender algo do modo de ver e de viver essas histórias.

#### **Fichas Técnicas:**

##### *Sertão das memórias*

Direção e Roteiro: José Araújo

Produção: José Araújo e Michelle Valladares

Fotografia: Antônio Luiz Mendes

Montagem: Ismael Saavedra

Música: Naná Vasconcelos

Som: Anton Herbert e Márcio Câmara

Elenco: Antero Marques Araújo, Maria Emilce Pinto, Ednardo Braga, Father Juvemar Matos, Walter filho, Francisco Neto.

##### *O baile perfumado*

Direção: Paulo Caldas e Lírio Ferreira

Argumento/pesquisa/roteiro: Hilton Lacerda, Paulo Caldas e Lírio Ferreira

Produção: Germano Coelho Filho, Marcelo Pinheiro, Aramis Trindade, Lírio Ferreira e Paulo Caldas

Direção de fotografia: Paulo Jacinto dos Reis

Montagem: Vânia Debbs

Direção de som: Renato Calaça e Valéria Ferro

Direção de produção: Cláudio Assis

Direção musical: Chico Science, Fred 04, Sérgio Veloso e Lúcio

Direção de arte: Adão Pinheiro

Consultoria histórica: Frederico Pernambuco de Mello

Elenco: Duda Mamberti, Luiz Carlos Vasconcelos, Aramis Trindade, Chico Dias, Jofre Soares, Cláudio Mamberti, Giovana Gold, Germano Haiut.

##### *Crede mi*

Direção: Bia Lessa e Dani Roland

Roteiro: Bia Lessa e Dani Roland

Produção: Bia Lessa

Fotografia e Camera: Bia Lessa  
Montagem: Sérgio Mekler  
Som: Dani Roland  
Elenco: moradores dos vilarejos

---

\* Ana Lúcia Ferraz, bacharel em Ciências Sociais (USP), é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da FFLCH-USP e pesquisadora do GRAVI – Grupo de Antropologia Visual da USP.